



Criatividade – O início e o fim deste século XXI

Prof. Max G. Haetinger.

"Veze sem conta uma criança de primeira série é apontada como criativa simplesmente porque fez com os dedos uma pintura um pouco diferente dos colegas. Esse equívoco de linguagem pode causar mais dano do que bem à criança, iludindo-a com a crença de que a criatividade pode se alcançar sem duro trabalho." (George F. Kneller)

Lembro-me, como se fosse hoje, o dia em que me deparei com o significado desta palavra tão importante em nossas vidas: **criatividade**. Eu assistia a uma aula de improvisação teatral da Faculdade de Artes Cênicas, ministrada em um parque de minha cidade. A professora adorava dar suas aulas em espaços abertos, onde pudéssemos interagir com o meio social, ela nos fazia lembrar que a dramatização na escola deve sempre servir à interação e integração social e comunitária. Foi nesta aula, em 1982, que fui apresentado a palavra "criatividade", e vou lhes confessar: foi paixão à primeira vista, poderia dizer quase amor.

Foi como se tudo que eu sonhasse e pensasse sobre educar e construir mentes brilhantes e com capacidade de serem protagonistas e tomarem decisões, educar para o pensamento livre, estivesse ali resumido em uma palavra, em um poder. O poder Criador, a Criatividade.

Ao estudar a criatividade, parecia-me que as ideias dos educadores como Johan Huizinga, Célestin Freinet, Lev Vygotsky, Jean Piaget, Paulo Freire, ampliavam-se e conviviam juntas em busca de um mundo ideal, tornando-se possível na prática escolar, na práxis de sala de aula.

E tudo começou naquela manhã de sol, no parque Farroupilha – Redenção – foi ali que iniciei minha revolução. Desenhava-se em minha mente e em minha vida, de forma clara e factual, uma transformação e um novo jeito de olhar para o futuro, para a evolução humana, para as minhas inquietações, para a minha CRIATIVIDADE.

"Depois de três mil anos de explosão, graças às tecnologias fragmentárias e mecânicas, o mundo ocidental está implodindo. Durante as idades mecânicas projetamos nossos corpos no espaço. Hoje, depois de mais de um século de tecnologias elétricas, projetamos nosso próprio sistema nervoso central num abraço global, abolindo tempo e espaço" (MCLUHAN, 1964, p. 17).

E assim me descobri mergulhado neste mundo do criar, do pensamento divergente, e fui buscar a compreensão do fenômeno na fonte: George F. Kneller (considerado o pai do estudo da criatividade). Ao usar a tecnologia nos anos 80, encantei-me com Marshall McLuhan, que profetizava o mundo das telas, das câmeras, do "Grande Big Brother". Passei a rodar o mundo tentando entender a importância da criatividade, da curiosidade, do trabalho com projetos, aprendi e desenvolvi metodologias, que têm como base o poder criador e o pensar criativo.

Em minhas aulas e nas formações de professores, passei a usar os jogos criativos e seu potencial mobilizador e motivador. Pude presenciar a capacidade de meus alunos aumentando na solução de problemas, na linguagem e, principalmente, na expressão, parecia uma revolução. Tudo fazia ainda mais sentido... Passei a ministrava um curso chamado "Criatividade – A revolução na sala de aula", e me recordo dos muitos questionamentos, dos professores aprendendo as técnicas, mas com dificuldade de enxergar como isto poderia se relacionar com seus conteúdos, com a tal aprendizagem formal.

“Desenvolver a criatividade parece ser um objetivo tão simples e é uma das características mais raras de se encontrar na maioria de nossos jovens, educados para a atitude conformista e homogênea a que os sistemas escolares os condenam” (CASTANHO apud ALENCAR e FLEITH, 2003, p. 144).

O tempo passou, e nada melhor do que o tempo para fortalecer e confirmar as coisas. Hoje sabemos plenamente a importância da criatividade no processo de aquisição e processamento do saber, sabemos como ela é fundamental em um mundo de incertezas e complexidades (Edgar Morin), aprendemos a ministrarmos aulas mais vivas e participativas, tentamos ao máximo explorar dinâmicas e jogos, valorizando o criar para ampliar a formação dos alunos, e assim proporcionar vivências adequadas a cada um, a cada habilidade, a cada grupo social atendido.

Confesso estava encantado com os resultados e o potencial da criatividade nos processos de ensino, porém foi na virada deste século, na entrada da era do conhecimento, da sociedade virtual, que a criatividade passou a ser a **grande palavra**, ao ponto de quando queremos definir a qualidade mais importante desta era, falamos sempre em **Inovação** e **Criatividade**.

“Devemos sem dúvida desenvolver a capacidade do aluno ao longo de sua carreira escolar, para que o intelecto e a imaginação não se separem, transformando-se esta última em simples fantasia” (KNELLER, 1978, p. 104).

A virada do século nos propôs um novo mundo, onde os principais diferenciais são o acesso à informação e a interação, constantes e sem fronteiras. As máquinas evoluíram, hoje muitos programas de computadores simulam e realizam milhares de tarefas e ações humanas, principalmente as relacionadas à repetição, ao acúmulo e a memória.

É neste mundo onde máquinas repetem e guardam as informações, que o homem é chamado a desenvolver a competência mais importante e humana, chamada criatividade. Por isto, estamos lendo uma revista com este tema, por isto que muitos falam sobre o potencial criador. Isto nada mais é do que a busca por um novo homem, capaz de respeitar e criar diferenças e aprender a usar a criatividade, o pensamento divergente, o poder criador.

“A criatividade ultrapassa o puro lazer e pode converter-se em aquisição de conhecimento quando se processa planejadamente. É um meio de apropriação e transformação da realidade, gerando prazer e conhecimento, de forma não exclusivas. Supõe uma relação do homem com o mundo, em que o alvo não é meramente o conhecimento do que existe, mas a exploração do existente para algo novo.” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.71).

Nosso desafio principal, modernamente, é entender como podemos construir verdadeiramente escolas e ambientes que valorizem, e deixem espaço, para desabrochar o potencial criador de todos os seus interagentes (professores, alunos, comunidade). Aprendi com o passar do tempo, trabalhando com a criatividade em ambientes de aprendizagem, que ela vai muito além das dinâmicas, jogos e atividades lúdicas, hoje ela se torna o método, o próprio princípio e o fim de nossas novas práticas em sala de aula.

Uma escola da práxis criativa tem professores com formação constante e ambiente que inspire a curiosidade, que estejam abertos o tempo todo para a comunidade, e integrados intimamente com as redes e mídias sociais. As relações em sala devem ser cada vez mais lúdicas, interativas, cercadas de tecnologias de acesso e de espaços que possibilitem múltiplas formações entre os alunos. Só assim vamos falar a língua dos alunos deste século, e assim seremos relevantes no crescimento cognitivo e emocional de todos.

“É preciso reforçar a certeza de que a formação integral da personalidade do educando será incompleta sempre que se relegar a um segundo plano a expressão criadora, portanto é preciso que a escola esteja aparelhada ideologicamente e materialmente para proporcionar aos alunos técnicas, meios e ambientes de liberdade, onde possam desenvolver sua capacidade expressiva, construtiva e criadora.” (NOVAES, 1980, p. 118).

Além de professores capacitados, a escola da práxis criativa deve exercitar o tempo toda a curiosidade através de projetos, fazer da tecnologia e das mídias grandes aliados no dia a dia escolar, priorizar o movimento, promover um ambiente de surpresas e novidades, um ambiente com múltiplas possibilidades de exercício do pensar, do criar e do construir, um ambiente adequado às perguntas e com menos respostas prontas.

“O prazer de trabalhar e criar coisas novas por meio de seus próprios recursos leva a descobertas contínuas. Um trabalho voltado para o desenvolvimento do potencial criativo deve ser feito desde a infância, o exercício da reflexão e do senso crítico tem grande importância na descoberta do mundo em que vive, de forma a não só enxergá-lo e aceitá-lo, e sim de avaliar, julgar e propor mudanças para a construção.” (NOVAES, 1972, p. 51).

Em um mundo onde o movimento de “mudança” e a formação constante são necessárias, a criatividade passa a ser a grande arma para nos diferenciar das máquinas. O potencial criador é a única possibilidade de continuarmos como protagonistas no mundo real, digital e virtual, que nós mesmos criamos. A criatividade está para a educação deste século, como a memória estava para o processo educacional do século passado. Ela é o princípio e o final quando pensamos em aprender neste século.

Beijos e paz,
Max

Bibliografia

Alencar, Eunice S. & Fleith, Denise S. (2003). *Criatividade, múltiplas perspectivas*. Brasília: Universidade de Brasília.

Alencar, Eunice S. & Fleith, Denise S. & Bruno-Faria, Maria F. (2010). *Medidas da criatividade*. Artmed, Porto alegre.

Haetinger, Max G. (1998). *Criatividade – criando arte e comportamento*. Porto Alegre: Inst.Criar.

_____ (2001). *Informática na Educação – Um Olhar Criativo*. Porto Alegre: Inst.Criar.

_____ (2003). *O Universo Criativo da Criança na Educação*. Porto Alegre: Inst. Criar.

_____ (2004). *A Criança e o movimento*. Material didático do curso de Pós Graduação em Educação Infantil. Curitiba: IESDE.

_____ (2010). *Professor Max em Revista*. Pinhais: Editora Melo.

Haetinger, Max G. e Haetinger, Daniela (2011). *A aprendizagem Criativa: Educadores motivados para enfrentar os desafios do novo século. Educação a distancia, redes de aprendizagem, criatividade e motivação*. Rio de Janeiro: WAK.

Kneller, George F. (1978). *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo: IBRASA.

Mcluhan, Marshall (1964). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 14ª. edição. São Paulo: Cultrix.

Novaes, Maria Helena (1980). *Psicologia da criatividade*. 5ª. edição. Petrópolis: Vozes.